

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – 2010**

**EDNA MARIA MONTEIRO DANTAS
MARIA ANTÔNIA CORRÊA TELES**

O LÉXICO DOS PESCADORES DA COMUNIDADE ARAUAIA

Barcarena
2014

EDNA MARIA MONTEIRO DANTAS
MARIA ANTÔNIA CORRÊA TELES

O LÉXICO DOS PESCADORES DA COMUNIDADE ARAUAIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem
da Universidade Federal do Pará (UFPA) como
requisito parcial para a obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D192l Dantas, Edna Maria Monteiro.
O léxico dos pescadores da comunidade Arauaia / Edna Maria
Monteiro Dantas, Maria Antônia Corrêa Teles . — 2014.
35 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Edson de Freitas Gomes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Comunidade Arauaia. 2. Léxico. 3. Língua. 4. Variação.
I. Título.

CDD 410

EDNA MARIA MONTEIRO DANTAS
MARIA ANTÔNIA CORRÊA TELES

O LÉXICO DOS PESCADORES DA COMUNIDADE ARAUAIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras.
Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes.

Data de aprovação: 26 / 04 /2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edson de Freitas Gomes - Presidente
Universidade Federal do Pará - UFPA

Profa. Sara Chena Concepcion Centurion- Membro
Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Carlos Henrique de Almeida Lopes - Suplente
Universidade Federal do Pará - UFPA

Dedicamos este trabalho a Deus, aos
nossos familiares, irmãos, professores,
amigos e a comunidade Arauaia.

Edna Maria e Maria Antônia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder essa oportunidade de concluir mais uma etapa construtiva para minha formação pessoal e intelectual.

À minha família, em especial, ao meu pai José Maria, à minha mãe Maria José, minhas irmãs: Maria de Fátima, Elani, Edilene; aos meus filhos, Edielson, Cleberson, Cledson, ao meu esposo Cláudio, às minhas tias, às minhas amigas, Antonia, Ana, Eliete e Ana Cleide, à minha avó, Anazilda (*in memori*).

Ao professor Edson de Freitas Gomes que foi fundamental com suas orientações, nos guiando na construção deste trabalho, agradeço-o pela dedicação e atenção dedicadas. Assim como dedico agradecimento aos professores que colaboraram conosco com ensinamentos durante todo esse processo de construção do conhecimento: Alessandra Matos, Raimunda Duarte, Tânia Sarmiento-Pantoja, Sara e José Vitor.

Às amigas, em especial Márcia Souza, Maria Cleonita, Marieta, Franciane Fonseca, Eliete Soares, Angelina, Sara Lopes, Maria Lúcia, ao amigo Toni Sá à coordenadora do Núcleo Universitário de Barcarena, Izabel Menezes e à dona Jose, amigas que contribuíram com apoio, ensinamentos e atenção.

Aos pescadores da Comunidade Arauaia, senhores: Valdeci e Vanderley e à comunidade Arauaia que foram essenciais para que este trabalho se concretizasse.

Edna Maria Dantas

AGRADECIMENTOS

A Deus, que orienta meus caminhos e me concede sabedoria em todas as fases de minha vida, com desafios e conquistas.

À minha família, em especial ao meu pai Cori Corrêa, a minha avó Antônia (*in memori*), ao meu esposo Ilson Teles, meus filhos queridos: Gean, Geferson, Geandra, a Geise e a meu neto Ruan.

Ao professor Edson de Freitas Gomes que nos acompanhou no momento de elaboração deste trabalho, nos orientando, meus sinceros agradecimentos pela sua dedicação, atenção durante esta produção textual. Ao professor José Vitor Neto e às professoras: Alessandra Matos, Raimunda Duarte, Tânia Sarmiento-Pantoja e Sara.

Às minhas amigas, em especial, Márcia Souza, Edna, Eliete Soares, Maria Cleonita, Marieta, Angelina, Sara Lopes, Franciane Fonseca, Maria do Carmo e a coordenadora do Núcleo Universitário de Barcarena, Izabel Menezes, todas contribuíram para esse momento com apoio e incentivo.

Aos pescadores da Comunidade Arauaia, senhores: Vanderley, José Maria, Valdeci e a esta comunidade que nos recebeu maravilhosamente bem, contribuindo conosco para a realização deste trabalho tão significativo para minha formação profissional.

Maria Antonia Teles

Dizer que somos seres falantes significa dizer que temos e somos linguagem, que ela é uma criação humana (uma instituição sociocultural), ao mesmo tempo que nos cria como humanos (seres sociais e culturais). A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento [...]. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e vemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, ideias.

Marilena Chauí

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo promover um estudo sobre a linguagem dos pescadores da comunidade Arauaia, localizada no município de Barcarena-PA, ressaltando a variação linguística destes, em especial o léxico. Buscamos um estudo aprofundado dos aspectos característicos da fala, valorizando os fatores culturais, sociais, econômicos e étnicos. A partir desses elementos buscamos construir uma abordagem do léxico desses pescadores, privilegiando a língua, a realidade, as disparidades sociais e os contrastes nas formas de expressão linguística, buscando um suporte teórico em teorias que estudam as especificidades da língua, tais como a Sociolinguística, a Dialectologia, o Léxico, O preconceito Linguístico e Variação Linguística, respectivamente. Essas teorias um mesmo contexto conferem à linguagem dos pescadores, a possibilidade de criar a sua própria realidade linguística em uma sociedade na qual as transformações na língua estão em constantes processos de transformações. Este estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo que favoreceu uma coleta de dados para que pudéssemos compreender com maior relevância o léxico desses pescadores aqui em foco.

Palavras-chave: Comunidade Arauaia. Léxico. Língua. Variação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O LÉXICO COMO INSTRUMENTO DA COMUNICAÇÃO HUMANA.....	12
2.2 A DIVERSIDADE LEXICAL DO BRASIL: UMA HISTÓRIA EM FOCO.....	16
3. DADOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE BARCARENA	20
3.1 COMUNIDADE ARAUAIA.....	22
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	23
4.2 INFORMANTES E FONTES DE INFORMAÇÃO.....	24
5. DESCRIÇÃO DOS DADOS	26
6. CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30
QUESTIONÁRIO	31
FOTOS	32

1 INTRODUÇÃO

Este estudo versará sobre os dialetos dos pescadores ribeirinhos da comunidade Arauaia, que está localizada no município de Barcarena. Assim, por meio das informações obtidas durante a pesquisa referente ao dialeto local, pretendemos construir uma análise sociolinguística e cultural dos falantes locais, assim como ressaltar as influências linguísticas e culturais que contribuem para caracterizar o dialeto da comunidade.

Cabe frisar que a linguagem de um povo é uma herança cultural, que é repassada entre as gerações no curso do tempo. Ante a isso, devemos destacar que a linguagem é uma instituição sociocultural, que transforma e difunde conhecimentos, aproxima seres, proporciona a interação social, assim como pode se tornar um fator de exclusão social, quando esta é considerada “errada” em determinado contexto ou espaço.

No entanto, é importante destacarmos que a sociedade vive em constantes transformações, logo, a língua acompanha essa evolução/mudanças/dinamismo. Partindo desse pressuposto, é válido comentar que vários fatores corroboram com essas mudanças, a saber, a diversidade cultural, linguística, as diferenças sociais, regionais, costumes, entre outros elementos. Neste ciclo, são transmitidas as peculiaridades da língua, costumes, em seus múltiplos aspectos, para desta forma, serem construídas as expressões linguísticas de um povo, neste caso, da comunidade Arauaia. Tudo isso é fundamental para se entender o léxico de uma determinada região/comunidade.

Importa dizer que o léxico de uma língua natural é visto como um registro ou forma de se propagar o conhecimento de um povo ou comunidade. Nesse contexto, todos os aspectos inerentes à língua de uma determinada localidade mostram as características linguísticas presentes nesta. Dessa forma, a diversidade linguística começa a se disseminar, formando novas formas de manifestação da linguagem. As influências sofridas pelos povos tornam relevantes essas informações.

Vale ressaltar que se faz necessária a compreensão ao que tange às transformações lexicais ocorridas no espaço, tais como a comunidade Arauaia. Para tanto, esta pesquisa se delimitará em investigar o léxico dos pescadores da referida localidade.

Tentamos mostrar parte do dialeto linguístico da comunidade do Pará, destacando aqui como objeto de estudo, a comunidade Arauaia localizada no município de Barcarena, já que nessa localidade temos a recorrência de uma linguagem tipicamente dos pescadores ribeirinhos. Todavia, para compreendermos melhor essa realidade, fez-se necessário um

estudo mais aprofundado, a fim de que percebamos toda a riqueza que está presente no dialeto dos pescadores da referida localidade.

Este trabalho se justifica porque busca a compreensão do dialeto falado pelos pescadores ribeirinhos da localidade do Arauaia, que fica localizada no município de Barcarena-Pará, a fim de promover um resgate dos aspectos referentes às especificidades dessa linguagem. Uma vez que as mudanças pelas quais as línguas vêm passando, se torna necessário registrar a fala dos pescadores da referida localidade para que não se perca totalmente.

O objetivo neste trabalho é a importância de se preservar o dialeto dos pescadores ribeirinhos da comunidade Arauaia, através da compreensão da sua cultura social e econômica, pois o dialeto desse povo vem sofrendo diversas influências ao longo do tempo e pode ser que no futuro ele guarde pouco do que existe hoje.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo este trabalho versará a respeito do léxico como objeto de estudo das línguas em diferentes perspectivas, valorizando seus aspectos históricos, regionais e culturais, assim como sua diversidade lexical no Brasil. No segundo capítulo, procuramos traçar um perfil dos dados históricos do Município de Barcarena, suas curiosidade e evolução. No terceiro capítulo, destacamos a origem da comunidade Arauaia que está localizada no Município de Barcarena. No quarto capítulo, traçamos um esboço dos procedimentos metodológicos que embasaram toda a pesquisa que culminou neste trabalho. No quinto capítulo construímos a descrição do dialeto dos pescadores ribeirinhos da comunidade Arauaia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O LÉXICO COMO INSTRUMENTO DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Pensar as questões lexicais de uma Comunidade, Região ou País é buscar uma compreensão no tempo. Isso significa dizer que: “O léxico, é entendido como conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” Ramos, (2010, p. 149 *apud* RAZKY, 2003). Ante ao exposto, ressaltamos que esse entendimento é objeto de estudo da língua sob diferentes perspectivas.

Do ponto de vista lexical, o vocabulário de uma língua natural se constitui em processos históricos e culturais. O homem transforma o seu ambiente, seja o espaço físico ou a língua que, faladas em uma determinada região, se modificam. De todo modo os aspectos orais, fonológicos e outros se dissipam em diferentes contextos sociais, oportunizando a interação linguística entre os povos. Com base nisso, Castilho (1977) escreveu que “as línguas variam de acordo com os processos históricos, sociais, culturais, que afetam os falantes, pois a língua falada sofre interferências da origem geográfica e social.”

O desenvolvimento da linguagem é imprescindível para estabelecer a comunicação entre os seres sociais. Dessa forma, a língua possui muitas funções, dentre elas está a funcionalidade de atuar como mediadoras da comunicação humana, tudo isso tendo por objetivo proporcionar aos seres as formas de interação social, bem como a diversidade cultural e linguística entre os falantes.

Nessa perspectiva, podemos destacar que:

Enquanto o léxico de uma língua existe em função de suas necessidades sociais de designar ou nomear a realidade (...), em uma língua comum (LC), o termo faz o mesmo em relação a uma língua de especialidade (LSP). Ainda, de acordo com Biderman (2001), os conceitos, significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência em que o homem desenvolve uma estratégia ao associar palavras a conceitos (lexicologia), ou associar conceitos a termos (terminologia). (RAZKY, 2003, p. 158).

Tendo em vista os aspectos que procuram justificar as necessidades sociais da realidade linguística, bem como suas influências, características e peculiaridades, é fato que a experiência humana é fator relevante e que deve ser considerado para facilitar a compreensão da linguagem utilizada em diferentes espaços. Cumpre-nos frisar que o dialeto dos pescadores da comunidade Arauaia, contempla um tipo de linguagem carregada de expressões informais,

por vezes, consideradas estranhas àqueles que as desconhecem. Isso porque a linguagem assume múltiplas faces e roupagens frente aos falantes.

Em um primeiro momento, destacaremos que existem ciências que estudam o léxico em geral e o léxico de especialidade, como exemplo, temos a lexicografia. A compreensão do léxico de um determinado grupo social é fundamental para que possamos entender como a linguagem destes varia e apresenta riqueza de aspectos inerentes às suas especificidades. Assim, por meio de estudiosos do ramo da língua é possível conhecermos a história do léxico de uma determinada comunidade, mostrando por meio de documentos históricos a fala dos povos em épocas precedentes e notar as mudanças por que passaram as línguas no curso do tempo.

Um dos principais enfoques quanto aos estudos referentes ao léxico, é que a existência de uma dimensão lexical que contribui para a construção de dicionário de língua, oportunizando o surgimento de disciplinas voltadas a discutir e analisar a lexicografia do falante. Ressaltamos que tudo o que ocorre com o dialeto de uma comunidade de falantes poderá futuramente servir de estudo, e no Brasil esse é um campo bastante vasto.

Isso ocorre como uma maneira de garantir que no transcorrer do tempo, vários estudos teórico-metodológicos possam construir análises mais aprofundadas a respeito do léxico em diferentes contextos sociais, históricos ou do espaço. Tudo isso para registrar verdadeiras riquezas linguísticas como patrimônio cultural, memórias remotas de uma sociedade na qual são postos em destaque elementos norteadores, com aspectos sócio-políticos, geográficos, culturais, étnicos, regionais etc.

Pelo exposto, devemos ressaltar que o Brasil é um país no qual as diversidades linguísticas e culturais apresentam-se recorrentes, a julgar a própria linguagem, a variação lexical, a saber, da comunidade Arauaia no município de Barcarena, que possui sua especificidade dialetal. Assim, enfatizamos a existência de uma dimensão do léxico, fazendo-se necessário notar a complexidade que possui a língua do povo brasileiro que é rica, múltipla, diversa e que se construiu (e constrói-se diariamente, pois nosso povo renova-se constantemente), atravessando as fronteiras do tempo e promovendo para a sociedade a oportunidade de conhecê-la, descobri-la, discuti-la sob diferentes perspectivas históricas, sempre ressaltando uma reflexão acerca de sua origem, desenvolvimento e diversidade.

Bagno (2011, p. 29), observa que:

O Brasil é um país no qual a diversidade lingüística é significativa, pois devemos considerar a sua formação cultural, histórica, e mais: somos formados por misturas interculturais, não podemos considerar o povo brasileiro como uno, pelo contrário, é fruto de muitas misturas, a julgar que somos descendentes de negros, brancos, índios, a linguagem não poderia ser única. (...) É importante começar a desfazer as concepções errôneas do preconceito lingüístico em uma sociedade rica no aspecto diversidade lingüística. “Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o que. Fica evidente que o preconceito é uma decorrência de um preconceito social”.

Uma breve observação acerca disso, é que as pessoas de uma mesma comunidade lingüística apresentem diferenças em sua forma de falar. Geralmente, costumamos ser influenciados pelo ambiente social no qual estamos inseridos e passamos a interagir com este, isso acaba propiciando a aquisição de características lingüísticas daqueles que estão em pleno convívio social. Porém, é sabido que nem sempre há uma compreensão/respeito pela forma de expressão verbal de cada indivíduo, daí temos um problema muito sério em relação à diversidade dialetal: a não aceitação da forma de expressão do outro, desconsiderando que cada ser possui a sua individualidade na forma de se comunicar.

Pelo exposto, podemos constatar que a variação lingüística de um falante deve resultar dos aspectos referentes ao estilo/influências que este recebeu, isso mostra que cada indivíduo geralmente reflete as influências de seu meio social. Outrossim, uma das especificidades do falar do povo paraense, é segundo aqueles que nos ouvem, a capacidade de proferir um discurso no qual utilizamos, por exemplo, o /S/ pós-vocálico chiante (palatalizado), fato que distingue os falantes do estado do restante do país.

Ainda, segundo Bagno (2011, p. 34), é oportuno frisar que:

A ciência moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja una, uniforme e homogênea. O monolíngüístico é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.).

Neste âmbito, cabe destacarmos que entre os falantes de uma determinada comunidade, o reconhecimento da existência da diversidade lingüística entre estes é essencial para garantir a legitimidade das variantes consideradas sem prestígio social, pois os falantes têm que assumir o compromisso com sua forma de falar e perder o medo de falar uma forma que nem sempre segue aquela que é imposta.

A variação linguística é uma temática muito discutida, principalmente quando essa discussão é posta em âmbito educacional, ou seja, quando o professor de língua portuguesa aborda esse assunto em sala de aula. Nem sempre esse profissional sabe como trabalhar variação linguística, no geral, prende-se a regras gramaticais e, com isso, acaba não enfatizando a variação linguística, o que acaba contribuindo com o mito de se falar “certo” ou “errado”.

Partindo do pressuposto de que a língua sofre variação no decorrer do tempo, é importante frisar que ela deve ser compreendida, como aquela que se renova constantemente. Sendo assim, destaca-se que a língua é variável, múltipla e em processo de evolução, assim como mencionou Bagno (2011), ela “não deve ser estudada como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam.”

A linguagem é uma das formas mais básica de comunicação entre os homens. É importante comentar que as múltiplas formas de manifestação verbal sejam valorizadas. Vale considerar que a linguagem dos pescadores da comunidade Arauaia desperta o interesse daqueles que tem a oportunidade de conhecê-la, pois se deparam com a capacidade que uma variedade da Língua Portuguesa tem em um determinado contexto social, por meio de elementos específicos da comunidade. A esse respeito Biderman (2001, p. 13 *apud* Razky, 2003). Destaca-se que:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É dessa maneira que o pescador comunica seu mundo as diversas formas de lidar com a atividade de pesca, com as embarcações e fenômenos naturais que corroboram para uma boa ou má pesca. Como exemplos, temos a lua de quarto minguante e o vento terral que favorecem para uma boa pescaria. Mas também precisa nomear, denominar, conceituar esses mesmos seres e objetos por uma necessidade de comunicação que envolva uma linguagem específica de sua atividade.

Usando a sua linguagem os pescadores ora tratados conseguem se comunicar. Nesse enfoque, esses grupos sociais, os pescadores, vivem da pesca artesanal e fazem dela sua atividade diária, logo construíram seu próprio dialeto, sua forma de estabelecer comunicação. A partir dessa perspectiva, é pertinente mencionarmos que:

a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação para revelar o homem, a sua cultura e sobre tudo a sua interação social. A expressão de

sua cultura é revelada em parte pela utilização do léxico ou unidades lexicais e em parte pelos termos lexicais, ou unidades terminológicas¹.

Com efeito, em uma comunidade linguística, como é o exemplo dos pescadores da comunidade Arauaia (que faz da pesca sua atividade de sobrevivência), o vocabulário é a forma de manifestação verbal e cultural. Isto quer dizer que, o léxico de uma língua existe justamente para possibilitar essa dinâmica, interação dialetal entre si e com o outro, que de repente poderá desconhecer as especificidades de uma comunidade em especial.

A esse respeito, é relevante destacarmos que:

A linguagem funciona, assim, como sistemas modelizantes (instrumentos de controle comportamental exercido pelo grupo sobre cada indivíduo) e a sociedade como produtora de ideologias por meio das diferentes linguagens pelas quais o homem se relaciona com o mundo e com outro homem. Esse caráter ideológico da linguagem e das línguas naturais é internalizado pelos falantes como mecanismo da sociabilização no psiquismo durante a fase de aprendizagem. (SAUSSURE. 1972, p. 05).

Partindo desse pressuposto, o léxico é o instrumento de comunicação entre a sociedade e os falantes. Com isso, temos um verdadeiro leque linguístico em nosso país, região, comunidade, gerando novas expressões promovidas por uma dinâmica lexical ou sistema de signos linguísticos, que são partilhados pelos pescadores da comunidade Arauaia, que acaba por se constituir por meio de vocábulos que reproduzem o falar e o cotidiano destes. Podemos citar como exemplo elementos típicos que fazem parte da identidade dos pescadores, são eles: “anzol, barco, canoa, isca, mar, rede”, traços marcantes do vocabulário dessa comunidade citada.

2.2. A DIVERSIDADE LEXICAL DO BRASIL: UMA HISTÓRIA EM FOCO

A linguagem é a identidade perfeita do homem, porque ela o descreve, ela o espelha. Isso posto nos revela que a linguagem é inerente ao ser social, é fundamental para alicerçar as relações humanas. Dessa forma cabe frisarmos que é indispensável compreendermos a diversidade linguística no Brasil, e entender a relevância dos diferentes dialetos falados nas mais diversas regiões do país, como na comunidade Arauaia, para assim adquirir um maior entendimento do português brasileiro.

¹ Idem, p. 13.

Ante ao exposto, mencionamos que os estudos a respeito dos dialetos no Brasil trouxeram uma contribuição importante para entendermos as especificidades do léxico. Com isso, surgiram várias manifestações no tocante à Língua Portuguesa no país, expressando uma realidade linguística para aqueles que buscam estudar a diversidade na língua. Dessa forma, por meio de uma investigação lexical é possível construir, num primeiro momento, as bases de um caráter semântico na qual a linguagem é fator primordial.

O surgimento dos estudos relacionados à sociolinguística datam de meados do século XX, trazendo consigo as primeiras discussões/estudos referentes ao léxico brasileiro. Tal como fora mencionado, vivemos um período no qual existe a relação “língua-sociedade”, diferentemente de épocas anteriores que os estudiosos se pautavam em enfatizar a concepção de “língua-espaço”, isso significou pensar o espaço separado do aspecto social. A dialetologia surgiu com o propósito de estudar a língua, descrevendo e analisando o seu uso no contexto social e valorizando o aspecto geográfico, social e cultural.

A esse respeito podemos pensar acerca disso, enfatizando que:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p. 12).

Perante isso, as informações não se limitam a registrar dados, assim como tudo o que for relevante no entendimento das questões inerentes ao léxico e/ou aos aspectos geográficos. No Brasil, identificamos geográfica e socialmente as pessoas pela forma como se expressam, pois existem preconceitos decorrentes de vários aspectos, sejam eles de ordem social, econômica, política, regional, tudo isso influi na diversidade linguística dos falantes de uma determinada região. A esse respeito, nos fala Bagno (2011, p. 51) que: “Todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela”.

Na verdade, as pessoas se utilizam de sua língua, cultura, história e aspectos inerentes a região em que estão inseridas, porque a diferença que há de uma região para outra, faz com que esses aspectos, no caso a linguagem apresenta uma diversidade bem acentuada, pois não há uma forma certa ou errada para se expressar, o que mudam são apenas os sujeitos e os contextos sociais.

Os sujeitos possuem as suas particularidades ao se utilizarem dos recursos da linguagem ao estabelecerem comunicação em seu âmbito social. Por isso, comenta-se que não deve ser estimulada a concepção que contempla a fala correta, se desfazendo da linguagem de uma outra região, vista como errônea. Assim, único padrão de fala não pode ser considerado, principalmente por haver fatores como: escolaridade, região, cultura, religião, posição social, que contribuem para a diversidade linguística dos falantes.

O Brasil por ser um país de grande extensão territorial, não poderia ter uma forma única de linguagem, já que possui uma população muito diversa no que tange a sua formação histórica. Esse povo foi construído com moldes nos quais imperam elementos que caracterizam as especificidades dos seres sociais. Mesmo fazendo alusão a tais elementos, não devemos deixar de frisar que as questões voltadas para a exclusão social, as diferenças regionais ou mesmo a oportunidade de acesso à escolaridade.

Desta forma, as pessoas desprovidas de escolaridade, com baixa instrução não possuem condições para dominar a norma culta, mas isso não significa que elas não conseguem se comunicar verbalmente. Nesse sentido, é necessário suprimir o preconceito linguístico. A questão principal é que se o indivíduo é de uma classe social mais elevada, certamente terá acesso aos melhores livros, mais oportunidades de ampliar seus conhecimentos, tudo isso só é possível pela privilegiada posição econômica que o favorece. Mas não podemos desprestigiar as classes sociais populares por possuírem um dialeto diferenciado e no qual há uma comunicação entre ambos, podemos citar aqui que os pescadores da comunidade Arauaia que conseguem estabelecer uma comunicação efetiva entre si e em outros ambientes sociais.

É fato que, historicamente, existem estudos referentes aos usos da língua, bem como as diferenças nos dialetos que vêm se intensificando no decorrer do tempo. Assim, podemos citar como uma das características da língua, sem dúvida, a variação. Isso porque sabemos que a língua se transforma, é vária, em cada época-tempo. Quanto à variação linguística, esta se diferencia no vocabulário e na fala, por esse motivo, os aspectos sociais, históricos e geográficos definem as formas de variação de uma determinada língua. Assim, entender a maleabilidade da língua é indispensável para compreendê-la.

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos

usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. (CARDOSO, 2010, p. 15).

Em síntese, independente da posição social, conhecimentos linguísticos ou quaisquer outros fatores que corroboram para a diversidade linguística de um indivíduo, o preconceito não deve ser praticado; pelo contrário, o necessário é que ele seja discutido, a fim de transformar concepções obsoletas que infelizmente assolam o cenário linguístico.

No Brasil existem grupos populacionais que, por vezes, acabam sendo vítimas de discriminação e preconceito linguístico. A respeito disso, destaca-se que esses grupos são vistos como que provenientes de uma cultura considerada “pobre, tribal e inferior”. Acrescenta-se a isso que, as manifestações linguísticas favorecem a identificação da diversidade e heterogeneidade no que tange ao aspecto linguístico-cultural dos falantes do Brasil, assim como se faz necessária a compreensão dos estudos da língua, da cultura e sociedade.

Ante ao exposto, ressalta-se que:

A Sociolinguística é a parte da Linguística que faz seus estudos enfocando a Língua, a Cultura e a Sociedade. Podemos afirmar que Língua e Sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. É no seio da sociedade, com suas particularidades e afinidades, que as falas fluem, que a interação ocorre. O condicionamento social da linguagem está em consonância com traços que se enraizaram, de forma muito profunda na mente coletiva da comunidade lingüística e os dados aí coletados é que possibilitam a análise que confirma: a mudança lingüística ocorre em função das pressões sociais que podem ser observadas e descritas. (PESSOA, S/N, p. 01-02).

Em outras palavras, vê-se como Sociolinguística aquela que favorece os estudos dos dialetos sociais, em quaisquer povos ou comunidades linguísticas. Além disso, pesquisa os diversos segmentos sociais a fim de construir a realidade de uma comunidade, procurando registrar quais elementos corroboram com a variação linguística com enfoque nos aspectos inerentes à linguagem, cultura e sociedade, que estão postas como objeto de estudo.

A relação língua, cultura e sociedade é relevante. A linguagem é inerente ao ser humano, este é parte integrante de uma sociedade e vive de uma cultura, isto é, está inserido em âmbito social. Desse modo, pode-se frisar que a linguagem e sociedade coexistem, não há como negar essa relação, pois são indissociáveis, juntas constroem as bases históricas da humanidade.

3 DADOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE BARCARENA

Discorrer sobre os dados históricos do município de Barcarena tem como objetivo reunir informações/registros que no curso do tempo tornaram-se memórias históricas e culturais do povo. Com efeito, esse lugar é detentor de várias riquezas naturais, além disso, Barcarena é alvo de grandes empreendimentos referentes aos setores industriais e/ou hoteleiros. A essa população ainda são atribuídas características como a de um lugar aparentemente pacato e, em outros momentos, são notados traços de uma localidade na qual podem ser observadas características de um ambiente moderno e em desenvolvimento.

A origem do nome do município de Barcarena é algo muito discutido entre a população. De acordo com a tradição local, o nome que foi concedido a esse lugar, justifica-se pelo fato de nesse local ter existido a Missão Gibiríé, que entendemos se tratar de uma grande embarcação na qual estava expresso o nome ARENA, que despertou a curiosidade da população. No decorrer do tempo, a referida embarcação foi-se consumindo, o apreço por essa foi tão significativo, a tal ponto que se atribuiu a esse município o nome de Barcarena, proveniente de “BARCA Arena”.

Cabe destacar que a real origem do nome de Barcarena, deve-se ao fato de existir em Portugal a cidade de Barcarena, destacando, com isso, as questões inerentes ao processo de colonização. Cabe mencionar ainda, que podemos considerar que tal região foi considerada “o berço da extinta povoação Mortiguara”, assim como registrou momentos históricos extremamente relevantes no que se refere à história do Brasil.

Temos que destacar como referência a esses momentos históricos importantes ocorridos em Barcarena, a Cabanagem. Esse movimento profundamente nativista teve sua origem pela distância existente entre a região da Amazônia e os centros de decisão do período. Assim, destaca-se que no período da Cabanagem ações violentas foram praticadas por parte dos exploradores, como em todo e qualquer movimento revolucionário. A respeito disso, vale frisar que os cabanos, (como ficaram conhecidos os líderes desse movimento), chegaram ao poder por três vezes, no entanto, houve a morte do líder desse movimento, Cônego Batista Campos, além disso, os “ventos não sopraram em favor” dos cabanos, já que houve rompimento com o clero, e isso ocasionou um enfraquecimento de caráter intelectual no movimento cabano.

Quanto ao município de Barcarena, como outrora mencionado, foi palco de momentos relevantes do movimento Cabano. Nesse lugar estão sepultados importantes figuras históricas,

a saber: Eduardo Angelim e Cônego Batista Campos. Deve-se considerar que Barcarena pertenceu a Capital do Estado do Pará, mais precisamente até o ano de 1938, apenas no ano de 1943, por meio de Decreto de Lei Estadual nº 3565, de 30 de dezembro de 1943, PR ato do Exmo. Cel. Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, interventor do Estado no período.

Segundo Ernesto Cruz a fazenda Gibirié, que pertencia aos jesuítas, era apontada como foco principal da história da ocupação ocorrida no município de Barcarena. Ainda sobre a origem histórica desse município, menciona-se que alguns historiadores destacam como início da história o advento da propriedade privada. Há ainda, a hipótese que esse lugar tenha sido ocupado por índios Tupinambás, tendo sido povoado por várias comunidades indígenas. Por meio de mapas que datam do ano de 1753, estes fazem referências à fazenda ou missão Gibirié. Ainda, segundo Ernesto Cruz, em seus relatos sobre a origem ou ocupação de Barcarena não menciona qualquer informação desse lugar que tenha ocorrido ou precedido a fazenda Gibirié.

Um dos aspectos básicos a se destacar em relação à ocupação por habitantes indígenas em Barcarena é necessário dizer há poucas informações. Estas últimas, nos levam a saber que os indígenas que aqui habitaram foram vítimas de extermínio que ocorreu, provavelmente, em 1619 no Baixo Tocantins. Essa informação se encontra registrada no processo global de dizimação pelo então padre Antonio Vieira.

Historicamente, pode-se enfatizar que Barcarena teve como primeiros habitantes os índios “TAPUIOS ARUANS”. Cabe frisar que em meados de 1730 tivemos os registros da ocupação nesse lugar. Com base nisso, menciona-se como um dos aspectos inerentes a origem barcarenense, a extinção da povoação Mojuquara, (ainda existente). Atualmente, existe um igarapé que fora intitulado como Mojuquara, assim como a população que teve uma relevância histórica inquestionável. Este igarapé está localizado próximo à sede atual de Barcarena, como parte da memória desse lugar. Diante disso, ressalta-se a presença de indústria de oleiros do Mojuquara (homenagem concedida aos habitantes Mojuquara) que no período de sua fundação foi muito significativo.

Em relação à história de Barcarena, destaca-se que:

(...) lugar fundado na margem septentrional do rio Gibirié ou Curuçá como lhe chamam outros sobre terreno baixo, duas léguas para dentro de sua boca, a qual jaz na porta do seu furo ou canal de Carnapijó, que descrinima as terras de Barcarena da Olha das Onças, que entesta com a cidade (Belém). Habitam esse lugar e seu distrito 445 indivíduos dos quais 145 eram escravos. O distrito desse lugar compreende o igarapé Murucupi, o Furo Atituba, a ilha Sirituba, o canal do Carnapijó e o Igarapé Aicaraú. A igreja é consagrada a São Francisco Xavier. Este lugar pertence ao

terreno da cidade de Belém. E foi uma fazenda dos padres da Companhia de Jesus e então tinha o nome do mesmo rio Gibiríé.²

O município de Barcarena no Estado do Pará encontra-se localizado em área estratégica no referido estado, essa posição geográfica aguça o interesse de inúmeros países em relação as suas riquezas minerais e (culturais?). Apesar desses fatores tão significativos existem inúmeros problemas em diferentes aspectos: sociais, econômicos, outros que fazem parte da realidade da referida população.

A despeito desse município, acrescenta-se que cresce significativamente e no decorrer dos anos, a tendência é de crescimento amplo. Nesse sentido, é detentor de inúmeras riquezas minerais e naturais. Segundo dados do IBGE³ (2014), a população de Barcarena é de 99. 859 habitantes. Este município possui uma renda significativa, todavia, essa riqueza nem sempre é acessível a todos.

3.1. COMUNIDADE ARAUAIA

A Associação dos Pescadores em Barcarena foi fundada em 20 de Maio de 1920, ou seja, possui 92 anos de fundação. Inicialmente os pescadores eram vistos como depredadores da natureza. A partir da década 1980, houve uma maior preocupação em relação à atividade pesqueira no município, em virtude dos pescadores trabalharem clandestinamente. Assim, buscou-se por meio de leis e incentivos a essa atividade que os pescadores pudessem realizar essa atividade sem causar danos ao meio ambiente. Posteriormente a isso, essa associação foi registrada no Ministério da Pesca, sendo necessário que os pescadores realizassem cadastro para garantir direitos e deveres.

Em 1998 para a surpresa dos pescadores, ocorreu uma mudança na Constituição Federal de 1988 que culminou em Projeto de Lei que significou incluir reforma da constituição de 1988. No entanto, este projeto trouxe benefícios para os pescadores como cidadãos, dentre esses benefícios, podemos citar: direito ao seguro desemprego, auxílio doença, pensão por morte, receber um salário mínimo durante quatro meses. As entidades

²Para a construção do histórico do Município de Barcarena neste trabalho foi consultado o texto extraído de uma síntese organizada no ano de 1947 na Secretaria Municipal de Barcarena hoje pertencente ao acervo do DEPAH da secretaria de Cultura de Barcarena.

³ 2014 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/.../painel.php?... para%7Cbarcarena%7Cinformativos. Acesso em: 24/02/12 às 12 h.

coberam das autoridades medidas que garantissem os seus direitos, há, além disso, o Programa Pescando Letras que consiste em alfabetizar os pescadores da Associação.

A Comunidade Arauaia que é objeto deste estudo no que tange a linguagem dos pescadores dessa localidade. Importa ressaltar que durante nossas pesquisas tivemos dificuldades de obter informações precisas da referida comunidade, já que não há nenhum material que reúna informações desta. Então foi necessário que entrevistássemos o único morador mais antigo para que construíssemos um histórico dessa comunidade.

Em entrevista realizada com o morador da comunidade, senhor Walter da Silva Botelho, nascido aos 23 de maio de 1923, de 93 anos, nascido no Igarapé Casa Branca (nome da casa de seu pai, Satiro da Silva Botelho), os senhores Suto e Henrique (suíços) eram os proprietários da casa na época. Nesse período, as pessoas trabalhavam com os canaviais, e tinham vários engenhos, um deles estava localizado no Arapari e pertencia ao senhor João Haloque.

Após a mudança dos suíços da comunidade Arauaia, foram morar nesta localidade dois portugueses, o senhor José Quaresma e a senhora Tervina Quaresma. Vale comentar que no período dos engenhos existia trabalho escravo. Com a chegada dos portugueses citados, culminou com o fim dos engenhos, passou-se então a sobreviver de outras atividades, a exemplo, o cacau e a seringa. Isso significou o surgimento do comércio na comunidade, pois ocorria uma troca de mercadorias entre o proprietário do comércio e a população.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, o método utilizado para obtenção de dados foi o de caráter discursivo e exploratório. Nesse enfoque, a linguagem verbal foi uma ferramenta imprescindível na coleta de dados, pois se fez uso do gênero discursivo entrevista, na qual aplicamos um questionário de 10 perguntas de um total de 62, julgamos essas 10 mais interessantes e as direcionamos aos pescadores da Comunidade Arauaia, no Município de Barcarena. Buscamos assim, garantir interação com os pescadores da referida comunidade, para que a pesquisa pudesse ser realizada.

A presente pesquisa se constituiu a partir da compreensão da variedade linguística dos pescadores da Comunidade Arauaia, considerando que em uma mesma comunidade

percebemos que a linguagem pode variar significativamente. Esta análise se deteve em observar os mais variados aspectos da variação linguística dos pescadores, caracterizando essa mesma linguagem como múltipla, que varia e sofre transformações, mesmo partilhando a linguagem de uma mesma comunidade/povo/região.

Em relação à análise qualitativa desta pesquisa, a escolha se direcionou a descobrir as particularidades, o dialeto dos pescadores da comunidade Arauaia, diante da realidade social, econômica, histórica e cultural refletida no cotidiano desses pescadores. Passamos então a investigar o dialeto dos pescadores.

Quanto ao delineamento da pesquisa, é classificada como estudo de campo. Diante disso, e com base nos relatos dos pescadores, destaca-se que não há como definir de imediato, as etapas a serem seguidas em pesquisas dessa natureza linguística, haja vista a cada abordagem referente ao estudo do dialeto de pescadores de uma determinada comunidade/região, existem várias abordagens, discussões e inúmeros tipos de levantamentos.

Para a realização da coleta de dados o recurso utilizado foi o gênero discursivo entrevista. Este recurso possibilita ao entrevistador se basear em um roteiro de questionamentos previamente organizados durante o transcurso da entrevista. No geral, o pesquisador conhece seu objeto de pesquisa e com base neles, se organiza e traça as metas a serem alcançadas ou descobertas.

Ressaltamos que os dados coletados nesta entrevista foram gravados e transcritos, além de estarem devidamente autorizados por todos os informantes que contribuíram com a entrevista.

4.2 INFORMANTES E FONTES DE INFORMAÇÃO

A pesquisa foi realizada com os pescadores e moradores da Comunidade Arauaia em Barcarena. Selecionamos 5 homens e 1 mulher da comunidade. Os entrevistados estão organizados em duas faixas etárias: sendo 3 informantes com até 30 anos e de 3 informantes a partir 31 anos de idade. Além disso, selecionamos também os graus de escolaridade destes: ensino fundamental completo e incompleto e ensino médio. Vale ressaltar que essa escolaridade não está de acordo com a faixa etária, pois há um informante de 41 anos que possui o ensino fundamental, assim como há um informante de 17 anos em mesmo nível de escolaridade. Isso se fez necessário para que pudéssemos coletar as informações, a fim de formarmos *corpus* suficiente para trabalharmos na descrição.

É oportuno mencionarmos que coletar essas informações não foi uma tarefa fácil, pois tivemos dificuldades de acesso à localidade, já que o transporte coletivo é a única opção e atende as comunidades em geral. Além do transporte coletivo é necessário utilizar transporte fluvial para chegar à referida comunidade. As entrevistas foram realizadas em período chuvoso, o que prejudicou o andamento da coleta de informações.

As entrevistas foram realizadas no período de 14 e 21 Dezembro de 2013 na casa de dois informantes. O informante WGD nos recebeu em sua casa e a entrevista durou 1h20min. O informante JMD 25min. 1h20min. 50min. 45min. 40min. O total de duração das seis entrevistas foi 4h20 min.

Os sujeitos que contribuíram para a realização desta pesquisa foram os pescadores e moradores da Comunidade Arauaia. Para realizarmos as entrevistas com os informantes, utilizamos os seguintes instrumentos: caneta, caderno, tablet e celular.

Para a coleta de dados, trabalhamos com o gênero discursivo entrevista, para tanto, foi necessário um ambiente silencioso distante de quaisquer perturbações sonoras. Então, o local selecionado para este fim foi a residência dos informantes. (seleção dos informantes).

PERFIL DOS INFORMANTES DA PESQUISA

INFORMANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PERÍODO DE HABITAÇÃO	ORIGEM
01	M	41	3º Ensino Fundamental	41	Barcarena
02	M	16	1º Ensino Médio	16	Barcarena
03	M	17	9º Ensino Fundamental	17	Barcarena
04	F	35	2º Ensino Médio	28	Barcarena
05	M	27	Ensino Médio	10	Barcarena
06	M	63	Ens. Fund. Incompleto	29	Barcarena

É importante comentar que consideramos que houve uma interação significativa durante a pesquisa realizada com os pescadores da comunidade Arauaia em relação às

respostas elencadas em nossos questionamentos, as respostas destes que são tipicamente do dialeto ribeirinho.

5 DESCRIÇÃO DOS DADOS

Esta análise de dados foi construída com base nas informações repassadas pelos informantes da Comunidade Arauaia. Para isso, organizamos um questionário com 09 perguntas que tratou de assuntos inerentes à vida cotidiana e a atividade pesqueira.

No que diz respeito aos dados coletados durante a entrevista com os pescadores da Comunidade Arauaia, nos embasamos em tópicos para construir uma descrição de dados a partir das respostas concedidas pelos pescadores da referida localidade. Percebemos assim, um dialeto tipicamente característico de pescadores, com base nas seguintes perguntas: instrumentos da pesca, elaboração da rede, tarrafa, rede de cerco, espinhel, curral, pescadores, equipe de pesca, embarcações e marés.

Em relação à primeira pergunta “Instrumentos de pesca”, os quatro informantes (em sua maioria) responderam que o instrumento mais utilizado na atividade pesqueira é a rede de malhar, de tapagem, caniço, tarrafa. A diferença em relação a este instrumento de pesca se deu pela opinião de dois informantes que citaram rede de matapi. Estes dois informantes são homens, a faixa etária destes é a partir de trinta anos, sendo que a variável neste caso se deu pelo fato que um dos informantes possui o ensino fundamental, ao passo que o outro possui o ensino médio. De modo geral, acrescentamos que, dos quatro informantes, três são homens, apenas uma mulher, a faixa etária destes é inferior e a partir de trinta anos, sendo que dos quatro informantes, três possuem o ensino fundamental.

Em relação à segunda pergunta “Elaboração da rede”, perguntamos com que fio se tece a rede de pescar. Dos seis informantes, cinco responderam (a maioria) fios de nylon, plástica. Destaca-se que, dos seis informantes, cinco são homens, apenas uma mulher, a faixa etária deles é inferior a trinta e a partir dos sessenta anos, sendo que dos quatro informantes, o grau de escolaridade é ensino fundamental incompleto e ensino médio. A variável nesse caso se deu por um informante ser mulher, com faixa etária a partir de trinta anos, o grau de escolaridade é ensino médio.

Em relação à terceira pergunta “Tarrafa”, todos os informantes destacaram que tarrafa foi o nome que predominou a rede de três panos, um por dentro e dois por fora que se

dá a rede de pescar. Assim, acrescentamos que, dos seis informantes, cinco são homens, apenas uma mulher, a faixa etária destes é inferior a trinta e a partir dos sessenta anos, sendo que dos seis informantes, dois possuem o ensino fundamental completo, a variável neste caso se deu, pois um dos informantes possui o ensino fundamental incompleto. Ao passo que, os outros três informantes possuem o ensino médio.

Em relação à quarta pergunta “Rede de cerco” quatro dos informantes (em sua maioria) responderam que o nome se dá a rede que se põe de pé no mar, levantada por uns paus de espaço em espaço, chama-se rede de tapagem e tarrafa. Nesse sentido, destacamos que os quatro informantes são homens, a faixa etária destes é variável, pois é inferior a 30 e a partir de 31 anos, sendo que dos quatro informantes, três possuem o ensino fundamental e um, ensino médio. Ao passo que, dos dois informantes, um não soube responder, a variável neste caso se deu pelo fato de ser uma mulher, com faixa etária a partir de trinta anos, possui ensino médio completo, o outro informante respondeu inadequadamente a essa pergunta, já que não conseguimos relacionar o questionamento a resposta. Esse informante é homem, da faixa etária a partir de 30 anos, possui o ensino fundamental completo.

Em relação à quinta pergunta “Espinhel”, perguntamos qual a nomenclatura de uma linha com bastante anzol dependurado. Todos os seis informantes responderam espinhel. Dessa forma, acrescentamos que, dos seis informantes, cinco são homens, apenas uma mulher, a faixa etária destes é inferior a trinta e a partir dos sessenta anos, sendo que dos seis informantes, dois possuem o ensino fundamental completo e um incompleto, a variável neste caso se deu, pois um dos informantes possui o ensino fundamental incompleto. Ao passo que, os outros três informantes possuem o ensino médio.

Em relação à sexta pergunta “Currel”, dos seis informantes, três responderam que o nome da roda feita de cerca de taquara é Cacuri. Cabe acrescentar que, dos três informantes, três são homens, a faixa etária é variável, pois é inferior a trinta e a partir de sessenta anos, quanto à escolaridade, um informante possui o ensino fundamental e dois informantes possuem o ensino médio. A diferença se deu nessa pergunta, pois dos seis informantes, três responderam a essa pergunta, o nome cabo. Assim, destaca-se que, dos três informantes, dois são homens, a faixa etária é variável, pois é inferior a trinta e a partir de 31 anos, quanto ao grau de escolaridade, um possui o ensino fundamental incompleto, a variável em relação à escolaridade se deu pelo fato que o outro informante possui ensino fundamental completo. E o outro informante é mulher, com faixa etária a partir de trinta anos, em relação ao grau de

escolaridade, possui o ensino médio completo. Essa é uma variável em relação aos outros dois informantes antes citados.

Em relação à sétima pergunta “Equipes de pesca”, todos os seis informantes responderam que o grupo de pescadores que trabalha com a rede é chamado de equipe de pesca ou pescadores. Cabe acrescentar que, dos seis informantes, cinco são homens, a faixa etária é variável, pois é inferior a trinta e a partir de sessenta anos, quanto à escolaridade, dois informantes possuem o ensino fundamental completo, a variável é que um possui ensino fundamental incompleto, ao passo que os outros dois informantes possuem o ensino médio. A variável se deu também pelo fato de um informante ser mulher, a faixa etária é a partir de 31 anos, o grau de escolaridade é o ensino médio.

Em relação à oitava pergunta “Embarcação”, perguntamos quais as embarcações são mais utilizadas pelos pescadores para pescar. Dos seis informantes, três responderam casco e rabeta. A diferença se deu por um informante que respondeu barco, além de citar casco e rabeta. Acrescenta-se que, é homem, faixa etária inferior a trinta anos, grau de escolaridade, ensino fundamental. Dos seis informantes, dois não responderam a essa pergunta.

Em relação à nona pergunta “Marés”, perguntamos quais os tipos de marés apropriadas para pescar com a tarrafa. Na resposta dos seis informantes predominou a palavra maré seca. De modo geral, destacamos que, dos seis informantes, cinco são homens, a variável neste caso se deu por um dos informantes ser uma mulher, a faixa etária deles é inferior a trinta e a partir de sessenta anos, o grau de escolaridade é variável, pois em relação aos homens, é ensino fundamental incompleto, completo e ensino médio. Quanto à mulher, a faixa etária é a partir de 31 anos, possui o ensino médio completo.

Ante a explanação da linguagem dos pescadores notamos a semelhança e diferença em relação às expressões utilizadas por eles. Isso comprova que a linguagem não é uniforme, mas múltipla, se transforma, evolui constantemente, seja a linguagem de pescadores ou de qualquer falante.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho oportunizou uma abordagem investigativa por meio da coleta de dados, caracterizando como atores deste estudo, os pescadores da comunidade Arauaia, em Barcarena. Isso em virtude da necessidade de se conhecer as especificidades da variação lexical presente na linguagem da comunidade citada. Acrescenta-se a isso, a aquisição de conhecimentos em relação às atividades exercidas pelos pescadores em seu cotidiano, ressaltando os aspectos históricos, linguísticos, culturais dentre outros.

Iniciamos essa exposição, a partir do contato com os pescadores, essa interação foi imprescindível para o desenvolvimento do *corpus* deste estudo. A coleta de dados foi realizada com base na aplicação de questionário com 10 questões (consideramos mais interessante) de um total de 62 que primavam pela obtenção de informações típicas dos pescadores e suas atividades.

A questão central que mereceu destaque em relação ao questionário aplicado foi o fato de ao perguntarmos aos informantes desta pesquisa, a respeito dos “Instrumentos de pesca”, mais utilizado na atividade pesqueira foi a rede de malhar, de tapagem, caniço, tarrafa. A diferença em relação a este instrumento de pesca se deu pela opinião de dois informantes que citaram rede de matapi. Diante disso, nos deparamos com uma resposta curiosa quando um dos informantes citou rede de matapi. Talvez essa informação tenha sido repassada durante a entrevista pela falta de conhecimento de um pescador que ainda é novo nessa atividade. No geral, as respostas concedidas pelos pescadores da comunidade Arauaia são diferentes na maioria das vezes, isso promove uma variação no léxico deles. Assim, podemos compreender uma linguagem rica, interessante, múltipla.

Por fim, cabe frisar que este estudo tende a enriquecer o domínio do conhecimento linguístico, enfocando o dialeto da comunidade Arauaia, uma vez que, deve-se considerar a variação linguística como viés de transformação, uma nova perspectiva das diferentes formas de manifestações da linguagem em diferentes contextos sociais. Ao apresentar uma análise sobre variação linguística, resta-nos ressaltar que o nosso papel enquanto estudiosos e/ou usuários da língua é saber compreender que ela sofre transformações, que essa evolução é constante, bem como os diferentes usos que os grupos sociais fazem dela: são reflexos de um intenso processo de mudanças.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **O Preconceito Linguístico**. 54ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. Variação lingüística e ensino institucionalizado de Língua Portuguesa. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: Unicamp, 1980.

2014 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/.../painel.php?... para%7Cbarcarena%7Cinfograficos. Acesso em: 24/02/12 às 12 h.

PESSOA, Maria do Socorro. **Sociolinguística aplicada ao ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa**, ano. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp15/01.pdf>. Acesso em: 15 jan 14.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. São Luís: Edufma, 2010.

RAZKY, Abdelhak. **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: Edufpa, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso da lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1980.

SOBRINHA, Cecília Souza Santos; FILHO, Odilon Pinto de Mesquita. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? 2011. Disponível em: <www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35537>. Acesso em: 12/02/14 às 14 h.

ANEXOS:**(entrevista com os pescadores)****QUESTIONÁRIO**

1. Qual o seu nome completo?
2. Qual a sua idade? Sexo?
3. Qual o seu grau escolaridade?
4. Quantas pessoas compõe a sua família?
5. Qual a sua naturalidade?
6. Quanto tempo você mora nessa comunidade?
7. Vocês só sobrevivem da pesca ou tem outro meio de sobrevivência?
8. Com qual idade você começou a pescar?
9. Vocês fizeram algum curso para aprender a pescar ou aprenderam com alguém da família?
10. Quais os instrumentos de pesca que você utiliza?

FOTOS

Fotografia 1: Pescadores da comunidade Arauaia
Fonte: Dantas e Teles (2013)



Fotografia 2: Pescadores da comunidade Arauaia
Fonte: Dantas e Teles (2013)



Fotografia 3: Realização da Pesquisa de Campo
Fonte: Dantas e Teles (2013)



Fotografia 4: Realização da Pesquisa de Campo
Fonte: Dantas e Teles (2013)



Fotografia 5: Instrumentos de pesca
Fonte: Dantas e Teles (2013)



Fotografia 6: Instrumentos de pesca
Fonte: Dantas e Teles (2013)